

# Atividades extracurriculares podem ajudar a inibir evasão entre jovens

**Carmen Nascimento**

Para o **Valor**, de São Paulo

O mundo está mudando com uma velocidade cada vez mais rápida. No entanto, a escola muda a passos muito lentos e não tem conseguido acompanhar os interesses dos jovens.

O ensino médio brasileiro, hoje, tem como foco preparar o aluno para chegar à universidade — embora seja pequena a parcela dos que efetivamente vão para o ensino superior. Faltam políticas públicas voltadas para atender a juventude de forma plena, preparando-a para enfrentar os desafios dessa nova realidade e do mundo profissional. Sem interesse pela escola, o jovem é atraído cada vez mais cedo para o mercado de trabalho. O resultado: altas taxas de evasão e um grande número de jovens sem a qualificação necessária para escapar do subemprego e evoluir profissionalmente.

E quais os caminhos a seguir? A mesa redonda Saberes Necessários para a Formação do Cidadão: o Desafio da Educação para uma Sociedade Sustentável, realizada neste mês durante a Conferência Internacional Ethos 2009, com a presença da escritora Lia Diskin, do psicólogo José Ernesto Bologna e do antropólogo Tião Rocha, apresentou algumas propostas. Entre elas, a necessidade de contextualizar as informações que os jovens recebem, de forma que eles vejam sentido no que estão aprendendo, e de desenvolver um espírito crítico nos estudantes.

Os especialistas presentes tam-

bém defenderam a criação de ambientes de ensino interativos, que privilegiem o acolhimento das diferenças, a troca, a convivência e o aprendizado conjunto, além do uso dos recursos multimídia mais utilizados pelos jovens. Tudo isso ajudaria a tornar o aprendizado mais rico e estimulante.

Na opinião de Wanda Engel, superintendente-executiva do Instituto Unibanco, existem ainda outras formas de tornar a escola mais atraente para os estudantes, principalmente os de baixa renda. Uma delas é criar programas de monitoria, em que o jovem recebe uma bolsa para trabalhar na supervisão de algumas atividades extracurriculares, como prática de esportes, laboratórios de informática, estimulando sua permanência na escola. “É a mesma lógica do Bolsa Família estendida ao ensino médio, mas com a possibilidade de o dinheiro ficar com o jovem. Dessa forma, além de ganhar um dinheiro pelo seu esforço, ele se envolve mais com a escola”, explica. Além disso, os jovens passam a enxergar o sentido entre educação e trabalho, a perceber a função da escola na preparação profissional e nas suas possibilidades de ascensão na carreira.

Para o economista Roberto Macedo, pesquisador da Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe-USP), é fundamental oferecer atividades no contraturno escolar, como aulas de esportes, artes, cultura, preparação para o ingresso no mundo do trabalho, que tornem a vida escolar menos tediosa, a exemplo do que é feito no

programa Bairro Escola, mantido pela Associação Cidade Escola Aprendiz em São Paulo. Macedo também defende mudanças no currículo do ensino médio para tornar a educação mais próxima do dia a dia dos estudantes. Para ele, é preciso ensinar os jovens a raciocinar e a resolver problemas, não a decorar conteúdos que ele nem entende para que servem.

“Mais do que especialistas com formação muito específica, as empresas estão buscando pessoas que saibam pensar, resolver problemas, aprender coisas novas”, afirma. Isso significa que pessoas que têm mais capacidade de se adaptar a situações novas têm mais oportunidades de trabalho. “Hoje, a maioria das pessoas trabalha em áreas diferentes daquela em que se formou. Então, o que mais importa é sua capacidade de se adaptar, não sua especialização.”

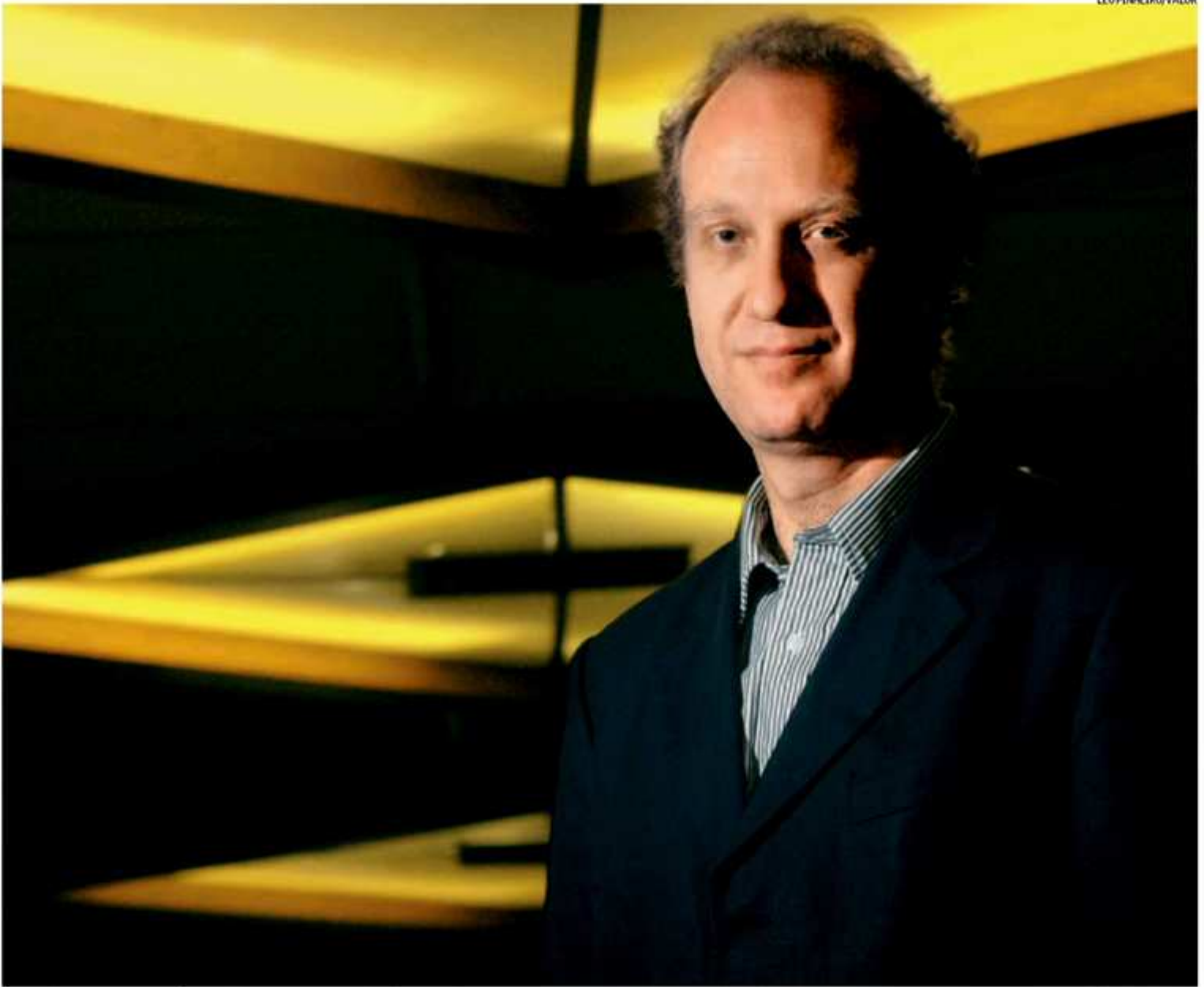
Essa também é a visão de Maria do Carmo Brant de Carvalho, superintendente do Cenpec. Para ela, é preciso dar condições de o estudante ficar na escola durante o dia — por meio da concessão de bolsas auxílio e da oferta de atividades extracurriculares, que ampliem o repertório cultural dos jovens. “Só o treinamento técnico profissionalizante é insuficiente. É importante ensiná-los a desenvolver novas habilidades, seus potenciais, para que eles saibam aproveitar as oportunidades existentes e criem outras que os ajudem a se manter no mercado.” Também é necessário ampliar o acesso dos jovens ao ensino diurno. “Hoje, a maior oferta de ensino médio está no período

noturno, com prejuízo da qualidade da educação oferecida”, afirma.

De acordo com o economista Marcelo Neri, pesquisador da Fundação Getúlio Vargas, a maior parte dos jovens não tem visão de futuro, muitos até por causa da condição de pobreza em que vivem. É justamente essa falta de perspectivas um dos fatores responsáveis pelo aumento do nível de violência entre jovens. “Para mudar isso, é necessário que as escolas desenvolvam programas para trabalhar o plano de vida dos estudantes, suas perspectivas de futuro”, opina. “É fundamental ainda que os jovens entendam o potencial da educação na transformação de sua condição de vida, que enxerguem o valor do esforço em estudar”.

Neri defende quaisquer ações que mostrem a capacidade da escola de melhorar a vida dos jovens, como a concessão de bolsas que façam a família manter o aluno na escola.

Para os especialistas, cabe ao governo implementar um currículo menos fragmentado e mais flexível no ensino médio, como já vem sendo discutido pelo Ministério da Educação (MEC). Eles também apontam a necessidade de oferecer um ensino técnico integrado, que combine o currículo normal e o profissionalizante, além de melhorar a formação dos professores, já que eles são os principais responsáveis por colocar em prática todas essas ações e tornar as aulas mais atrativas para os estudantes. Sem o seu envolvimento, corre-se o risco de ficar apenas na experimentação e nas boas intenções.



**Marcelo Neri, da FGV: "É necessário que as escolas desenvolvam programas para trabalhar o plano de vida dos estudantes, suas perspectivas de futuro"**